

## **‘A MALIGN VAPOUR FLEW TO THE HEART, AND SEIZED THE VITAL SPIRITS’ – A PREVALÊNCIA DA COSMOVISÃO MEDIEVAL NA ERA DA REVOLUÇÃO CIENTÍFICA**

Maria de Jesus Crespo Candeias Velez Relvas

O século XVI corresponde uma era admirável, de passos gigantescos em direcção a universos desconhecidos, ou porque eram literalmente desconhecidos – e estou a pensar nas viagens marítimas que, “*Por mares nunca de antes navegados*”, “*Novos mundos ao mundo [foram] mostrando*” (CAMÕES 1989: 1, 40) – ou porque esses universos tinham ficado no esquecimento, sem acesso permitido durante a Idade Média, algo injustamente denominada “idade das trevas” – e estou a pensar no manancial sobrevivente do mundo clássico, redescoberto durante o Renascimento, graças aos Humanistas e aos Neoplatónicos. Não esqueçamos, porém, que o pensamento e o saber medievais assentavam também em determinados pressupostos da Antiguidade Clássica, como, por exemplo, na física aristotélica. Mas durante séculos em que tudo se resumiu ao conflito universal entre o Bem e o Mal, a questão da acessibilidade ao espólio sobrevivente que mesmo agora referi – e que, entre muitíssimos textos, incluía outras obras de Aristóteles – constituiu elemento de extrema relevância no moldar de cosmovisões. O difícil ou impossível acesso resultou, pois, de conjunturas alargadas, que abarcavam a extensa zona de influência do Império Otomano, e de contextos mais restritos, que diziam respeito ao papel controlador das autoridades eclesiásticas.

Todavia, a partir da segunda metade do século XVI, uma mudança epistemológica de alcance imenso começou a tomar forma, tendo-se consolidado durante o século seguinte e originado alterações importantíssimas nas concepções do universo, do homem e da natureza. Na realidade, a partir da Revolução Científica – assim se chamou a essa mudança epistemológica – nada ficou como antes e muitas portas se abriram, permitindo chegar onde nos encontramos. Tudo quanto hoje entendemos como natural, trivial e óbvio é, em parte, fruto da substituição da física

aristotélica e da filosofia escolástica por novos conceitos abrangentes – sobretudo por um novo conceito de ciência ligado à observação dos fenómenos e à experimentação – que, a partir do Renascimento, se desenvolveram como base do método científico. E, sem dúvida, uma das mudanças mais significativas, que arrasta consigo várias outras, consiste na substituição da concepção ptolemaica do universo pela concepção copernicano-galilaica do mesmo.

Não pensemos, no entanto, que tudo se alterou de um dia para o outro, nem que o corte foi radical, expurgando saberes de séculos, provenientes de diversas tradições.

Na abordagem actual da época renascentista verifica-se a tendência para esquecer e/ou rejeitar o estudo de E. M. W. Tillyard, *The Elizabethan World Picture*, de 1943, o qual analisa, não os pontos de cisão entre a Idade Média e o Renascimento, mas sim o continuar de uma época na outra, ou seja, o entrelaçar de uma e outra cosmovisão. É certo que devemos entender Tillyard numa perspectiva alargada e combiná-lo com muitas outras perspectivas e correntes entretanto surgidas. Creio, porém, que o estudo do Renascimento inglês deverá continuar a abarcar esta obra, onde se detectou o prosseguimento da mundividência medieva reformulada pelos novos tempos. De contrário, estaremos a ignorar elementos vitais para a compreensão de uma era de ouro em termos culturais, e ficaremos incapacitados de apreender os sentidos profundos das obras, até porque o tempo que permeia entre aquela época e a actual constitui, por si só e por variadíssimas circunstâncias, um entrave de peso na leitura de escritos surgidos em contexto tão diferente do nosso.

Talvez de modo surpreendente e algo contraditório, é precisamente na concepção do universo que o Renascimento mais se coaduna com a Idade Média, regendo diversas outras áreas do saber e da cultura, pois a mundividência baseada no plano das correspondências, em que o movimento dos céus era regido pela dança cósmica das esferas, pelo *primum mobile*, em plena harmonia de todo o conjunto, não foi, afinal, posta em causa pela filosofia renascentista neoplatónica. Muito antes pelo contrário: a noção renascentista de ciência abarcava uma componente mítica de relevo que perdurou praticamente até ao século XVIII, porque, para além de ser aceite pelos intelectuais, estava enraizada de forma profunda nas gentes comuns devido à permanência de centenas e centenas de anos. Tal não significa a ausência de brechas, de situações de conflito, incerteza e vazio. Mas a organização harmoniosa e estática das hierarquias, em que cada ser ocupava um lugar preciso, proporcionava naturalmente conforto e segurança, em antítese com uma certa noção de desordem, logo, de transtorno e angústia, inerente ao novo sistema e à descoberta de que o

mundo continha, afinal, muitas realidades desconhecidas, até ali inimagináveis. Talvez por isso mesmo a antiga cosmovisão tenha perdurado durante tanto tempo. De facto, só após a Revolução Científica é que se assiste ao seu derrube, e não durante as épocas quinhentista e seiscentista, ao longo das quais a mudança epistemológica foi tomando consistência.

O desenvolvimento da sociedade de corte renascentista, regida pela nova imagem do príncipe e do cortesão cultos, educados segundo os *curricula* humanistas e seguindo os preceitos dos manuais de ética, envolve igualmente a dicotomia tradição/mudança, quase nos mesmos moldes: o cortesão passa a ter de saber movimentar-se com à-vontade num mundo complexo, ainda fortemente hierarquizado, que implica cargos diplomáticos, viagens às novas paragens, negociações, o conhecimento de línguas estrangeiras, antigas e vernáculas, e a produção literária; mas é, em simultâneo, o cavaleiro que deve vassalagem ao seu soberano e à sua dama, inserido num mundo cortês que prossegue os torneios, as justas e todo um conjunto de ideais baseados na era precedente. As obras literárias contêm precisamente isto tudo, como teremos oportunidade de ver nos exemplos que utilizarei adiante: a poesia renascentista exhibe inequivocamente o novo conhecimento humanista ensinado nas universidades e a influência da filosofia neoplatónica, os quais se mesclam com a retórica e a tradição medievais – tradição essa na maior parte das vezes completamente minada, no entanto. Assim, o objecto de demanda que, na poesia trovadoresca, é a dama, passa a ser, na poesia lírica renascentista, uma entidade superior pertencente ao macrocosmo, ou seja, o Conhecimento, a Perfeição, a Beleza universais. De acordo com o amor cortês medieval, a dama continua a ser extremamente bela e inacessível, e o seu olhar a constituir elemento de primazia, de veículo para o enamoramento. Mas no plano das correspondências, esta dama idealizada passa a funcionar como mediadora entre a esfera inferior, onde o poeta se move, e a esfera superior que ele almeja alcançar, ao passo que os olhos constituem os correspondentes microcósicos das instâncias macrocósicas, logo, o veículo para as alcançar.

Em praticamente todas as obras líricas do Renascimento inglês podemos encontrar estes elementos, mesmo quando a tradição e a convenção são minadas. Na realidade, os exemplos não têm conta, pelo que seleccionei apenas uma pequena amostra, de entre *Astrophil and Stella* e *Poems*, as sequências líricas de Sir Philip Sidney e Sir Robert Sidney, respectivamente, dois dos mais eminentes cortesãos-poetas da sociedade isabelina e mecenas de diversos outros autores, como William Shakespeare, Edmund Spenser e Ben Jonson. Vejamos, pois, como a dicção cortês é

utilizada de diversas maneiras e segundo muitos *clichés*, articulando-se com os sentidos profundos das teorias neoplatônicas e da busca das instâncias superiores.

Encontramos o sentido do serviço e da vassalagem de um 'eu' lírico que sofre de amor não retribuído, mas que se compraz nesse sofrimento:<sup>1</sup>

The pains which I uncessantly sustain,  
Burning in hottest flames of love most pure,  
Are joys, not griefs, ...

(...)

No no, most fair, for you I end and cry  
'Joyful I lived to you, joyful I die. (P, 2)

Fly, fly, my friends, I have my death wound; fly (AS, 20)

Heavy with grief, till I mine eyes do heave  
Unto her face, whence all joys I receive (P, 5)

They are not flames of love but fires of pain  
That burn so fair; love far from me is fled  
(...)

... while unjust night from me  
Her beauty hides, and shows her cruelty. (P, 6)

Encontramos uma dama inacessível, cujo olhar e beleza são claramente pontos de ligação com as esferas superiores macrocósmicas:

It is most true, that eyes are form'd to serve  
The inward light: and that the heavenly part  
Ought to be king ... (AS, 5)

Beauties born of the heavens, my soul's delight,  
The only cause for which I care to see

---

1 De modo a facilitar a leitura, optou-se por utilizar as indicações abreviadas AS e P, as quais se referem às sequências líricas *Astrophil and Stella*, de Sir Philip Sidney, e *Poems*, de Sir Robert Sidney, cuja indicação bibliográfica completa se encontra em Obras Referenciadas. Os algarismos que se seguem às indicações abreviadas correspondem à numeração dos sonetos a que pertencem os versos citados (não se recorreu a outras composições que integram as sequências, como por exemplo 'songs' e 'pastorals').

(...)

O only fair, to you I live and move;  
You for yourself, myself for you I love. (*P*, 5)

Vertue's great beautie in that face I prove,  
And find th'effect, for I do burne in love. (*AS*, 25)

O eyes, which do the Spheres of beautie move,  
Whose beames be joyes, whose joyes all vertues be  
(...)

O eyes, where humble lookes most glorious prove,  
Only lov'd Tyrants, just in cruelty (*AS*, 42)

Shine on, fair stars, give comfort to these eyes  
Which know no light but yours, no life but you (*P*, 20)

Ao mesmo tempo, vislumbramos a imagem do cavaleiro, em ambiente de torneio e confronto bélico, segundo uma retórica de reminiscências medievais:

Stella, whence doth this new assault arise,  
A conquerd, yelden, ransackt heart to winne? (*AS*, 36)

Most fair: the field is yours – now stay your hands;  
No power is left to strive, less to rebel.  
I pleasure take that at your blows I fell,  
And laurel wear in triumph of my bands. (*P*, 18)

Having this day my horse, my hand, my launce  
Guided so well, that I obtain'd the prize (*AS*, 41)

I on my horse, and Love on me dothe trie  
On horsmanships, while by strange worke I prove  
A horsman to my horse, a horse to Love (*AS*, 49)

Para que possamos estudar, o mais fidedignamente possível, qualquer obra renascentista, e retomando aquilo que vimos sobre a mudança epistemológica, há que ter sempre em mente a simbiose que tem vindo a ser mencionada e perceber que duas tendências primordiais se fundem, regendo, não só a especulação científica, mas todo o universo cultural em que se insere a produção literária, cujos exemplos

escolhidos deixam entrever essas duas tendências primordiais – por um lado, a corrente da filosofia da natureza, de pendor místico, com Paracelso, John Dee, Giordano Bruno (aliás protegido dos Sidney), Campanella e Pico della Mirandola; por outro lado, a corrente positiva e experimental, com Kepler, Leonardo da Vinci, Tycho Brahe, Copérnico e Galileu. Devemos, pois, ter em mente que, por exemplo, o estudo dos astros e do universo correspondia a uma combinação inextricável da astrologia (então tida como “ciência”) e da astronomia, mais ou menos como hoje a entendemos; que as experiências e os escritos alquimistas e mágicos prosseguiram [e Robert Sidney inicia um dos sonetos com imagem análoga – “The endless alchemist, with blinded will,/That feeds his thoughts with hopes .../And more his work proves vain more eager grows/While dreams of gold his head with shadows fill” (SIDNEY 1984: 17)]; que os princípios da medicina de Galeno, dominantes na Idade Média, foram absorvidos pela investigação científica do corpo humano e de outros seres vivos, tendo surgido, em 1621, essa obra admirável de Robert Burton, *The Anatomy of Melancholy*, ainda baseada na teoria dos humores; enfim, que a concepção medieval alicerçada numa forte hierarquização e no plano das correspondências entre o macrocosmo e o microcosmo foi adaptada à nova concepção do universo e como que re-interpretada e re-escrita pelas correntes neoplatônicas. Entre outros, Lorenzo Valla, Marsilio Ficino, Pico, Erasmo, Johannes Reuchlin, Guillaume Budé, herdando dos sábios de Alexandria a prática filológica, recuperaram muitos textos em línguas mortas, ignorados ou modificados pelos comentários medievos. A par, é dado um forte impulso às línguas vernáculas, com Dante, Petrarca, da Vinci, Galileu, Rabelais, Montaigne e todos os autores isabelinos, pelo que o estudo das línguas antigas, o uso das modernas e a influência dos elementos medievais se conjugam de modo fortíssimo, dando corpo à simbiose que tenho vindo a mencionar. Tão pouco podemos esquecer a divulgação dos textos sagrados, com os trabalhos de tradução da Bíblia para vernáculo, a partir dos textos originais, hebraicos e gregos, e não já do latim medieval. Em simultâneo, a descoberta de lugares e povos desconhecidos, acompanhada por inventos científicos, contribuiu também para a abertura a outras áreas do saber, segundo diferentes pressupostos e começando a libertar-se da dualidade maniqueísta da Idade Média que também já referi. Assim, a etnografia, a geografia, a cartografia, a anatomia e a medicina, a botânica, a astronomia e as ciências naturais, a história, a historiografia e a política, destacando-se aqui Jean Bodin e Maquiavel, viram-se desenvolvidas, enquanto se assistiu à fundação das primeiras academias científicas, dedicadas ao saber e à investigação.

Nesta linha, Francis Bacon demora-se em considerações sobre as novas formas de estudo e de pesquisa ao longo da sua vastíssima produção literária, cujos títulos remetem precisamente para a nova abordagem subjacente à nova epistemologia – *Novum Organum*, *New Atlantis*, *The Advancement of Learning*. E não será por acaso que dou relevo a Bacon, juntamente com os irmãos Sidney por outras razões, uma vez que o autor parece constituir o exemplo, por excelência, do compromisso entre a tradição e a mudança: pertencendo à era da Revolução Científica, num período pós-isabelino, e tendo amplamente para ela contribuído, é ainda, em muitos aspectos, um homem do Renascimento. Na realidade, não será tanto através da concepção do seu célebre *novum organum*, ou método indutivo, que Bacon mais se destaca, nem por procurar comprovar as novas teorias através da experimentação científica, mas sim por divulgar essas novas teorias, por tentar sistematizar o saber, explorando as potencialidades ilimitadas do pensamento, pelas suas reflexões sobre a natureza e pela apresentação da organização dos novos saberes. Se percorrermos os seus extensos escritos, encontramos constantes exemplos desse compromisso entre o antigo e o novo, suportado por uma retórica poderosa que parece acentuar a fusão das duas tradições. Tal como a maioria dos autores isabelinos, exhibe esta mesma característica e, de igual modo, as suas obras contribuem para a nova epistemologia, para a nova forma de ver o e de estar no mundo, conjugando as duas mundividências.

As palavras de Bacon que escolhi para o título deste pequeno excurso – “*a malign vapour flew to the heart, and seized the vital spirits*” – pertencem à *Vida* de Henrique VII da sua autoria (*Vida* corresponde à palavra biografia que era ainda inexistente na época Tudor-Stuart, tendo vindo a ser forjada em fins do século XVII) e surge na passagem do texto que descreve a doença conhecida como ‘*sweating disease*’ ou ‘*sweating sickness*’, flagelo que assolou a Inglaterra sobretudo em fins do século XV, com a invasão dos mercenários a soldo do Duque de Richmond, futuro Henrique VII, embora existisse uma origem endémica no norte da ilha. Na descrição da doença, Bacon prefere todo um vocabulário da antiga tradição, jogando primordialmente com as imagens retóricas subjacentes à teoria dos humores, em detrimento de eventuais descrições mais precisas provenientes de uma base científica:

It was a pestilent fever, but as it seemeth not seated in the veins or humours; for that there followed no carbuncle, nor purple or livid spots ... the mass of the body being not tainted; only a malign vapour flew to the heart, and seized the vital spirits; which stirred nature to strive to send it forth by an extreme sweat. ... It was conceived

not to be an epidemic disease, but to proceed from a malignity in the constitution of the air, gathered by the predispositions of seasons ... (BACON 1861: 34)

Numa outra *Vida* renascentista, a de Thomas Wolsey, George Cavendish refere um dos males físicos que afligiu o todo poderoso ministro-cardeal de Henrique VIII antes da sua misteriosa morte – “wonderous blake/the w<sup>ch</sup>e phisicians call Colour Adustum” (CAVENDISH 1959: 173). Este termo – “*Colour Adustum*” – constitui uma variante da expressão ‘*cholera adust*’, corrente no século XVI, e é da inteira responsabilidade do autor. À luz dos princípios de Galeno, se desmontarmos a expressão ‘*cholera adust*’ e atentarmos nos significados de cada termo, verificamos que o primeiro corresponde ao humor que, supostamente, causaria irascibilidade, mas também melancolia e neurastenia, ao passo que o segundo – atrabilioso – envolve um conjunto de sintomas físicos, todos eles causas de definhamento corporal através de desidratação. A atrabile (*atra bilis*) ou cólera negra reveste-se, portanto, de um duplo sentido inerente à sua própria gênese, o qual se parece ajustar à realidade de Thomas Wolsey com particular agudeza, porque o Cardeal sofreria de um extremo estado melancólico provocado pelo desfavor do Rei, ele que tinha sido o seu maior favorito.

Regressando à *Vida* escrita por Bacon, e partindo para uma outra dimensão, em determinado momento da obra, os problemas que Henrique Tudor enfrenta são atribuídos a forças ocultas que regem os destinos dos seres humanos e não propriamente à conduta do monarca:

At this time the King began again to be haunted with sprites; by the magic and curious art of the Lady Margaret; who raised up the ghost of Richard Duke of York ... to walk and vex the King. (BACON 1861: 132)

Mais tarde, prosseguindo a mesma imagética, encontramos:

... though the King were no more haunted with sprites, for that by the sprinkling partly of blood and partly of water he had chased them away; yet nevertheless he had certain apparitions that troubled him ... (BACON 1861: 211)

O homicídio atribuído ao Duque de Suffolk será novamente resultado da prevalência de um dos quatro humores – “a hasty and choleric disposition” (BACON 1861: 211) –, ao passo que o casamento de Catarina de Aragão e do Príncipe de Gales, Artur Tudor, assim como os bons auspícios da união, terão sido o resultado da conjugação perfeita dos astros e das constelações:

The lady being resembled to Hesperus, and the Prince to Arcturus; and the old King Alphonsus (that was the greatest astronomer of kings and was ancestor to the lady) was brought in to be the fortune-teller of the match. (BACON 1861: 213-214)

Devido à infelicidade de tal união e ao descalabro que se lhe seguiria com nova união da princesa espanhola com o futuro Henrique VIII (e não esqueçamos que Bacon escreve bastante depois de estes acontecimentos terem ocorrido), encontramos no texto a seguinte advertência, exemplificando talvez a situação de compromisso própria do autor e da época – “But as it should seem, it is not good to fetch fortunes from the stars” (BACON 1861: 214).

No ensaio “Of Seditions and Troubles”, de teor abertamente político, refere, de modo literal, a correspondência macrocosmo–microcosmo, segundo a harmonia das esferas celestes:

... when discords, and quarrels, and factions, are carried openly and audaciously, it is a sign the reverence of government is lost. For the motions of the greatest persons in a government ought to be as the motions of the planets under primum mobile ... it is sign the orbs are out of frame. (BACON 1861: 418)

Depois, no ensaio “Of Empire”, considera que a entidade real corresponde a uma entidade dupla, ou *gemina persona*, formada pelo ‘Corpo Natural’, tal como os outros seres humanos, e pelo ‘Corpo Político’, a entidade mística que nunca perece, investido por Deus e Seu representante, estabelecendo, da mesma forma, a correspondência literal com as entidades superiores:

Princes are like to heavenly bodies, which cause good or evil times; and which have much veneration, but no rest. All precepts concerning kings are in effect comprehended in those two remembrances: memento quod es homo; and memento quod es Deus, or vice Dei; [Remember that you are a man; and remember that you are a God, or God’s lieutenant:] the one bridleth their power, and the other their will. (BACON 1861: 423)

Mesmo em *Novum Organum*, o seu compromisso entre a tradição e a inovação, a qual tanto preconiza e defende, é por demais visível:

The study of nature ... is engaged in by the mechanic, the mathematician, the physician, the alchemist, and the magician ... Moreover the works already known are due to chance and experiment rather than to sciences ... (BACON 1860: 48)

Por vezes essa situação de compromisso destaca-se sobretudo na retórica utilizada, mesmo que os sentidos profundos correspondam a premissas das novas teorias:

... the spirit of man ... is in fact a thing variable and full of perturbation, and governed by chance. (...) the human spirit is like a false mirror, which, receiving rays irregularly, distorts and discolours the nature of things by mingling its own nature with it. (...) [it] is no dry light, but receives an infusion from the will and affections ... (BACON 1860: 54, 56-57)

Tal como acontece na poesia lírica e no drama isabelinos, a obra de Francis Bacon está, na realidade, repleta da miríade de exemplos que comprovam a dualidade que pretendi demonstrar e, conseqüentemente, plena de uma munificência de elementos díspares num tempo igualmente pródigo em novidades absolutas, avanços, inventos e fervilhar cultural.

Talvez em nenhuma outra época se tenha verificado – quiçá se venha a verificar – uma junção tão forte entre o novo e o antigo, entre a inovação e a continuidade, entre as letras e a ciência. Ao estudar essa época, ficamos perante um novo Saber – Saber com letra maiúscula – em que nada parece estar desarticulado ou compartimentado, como viria a suceder mais tarde, sendo nós herdeiros dessa compartimentação, voltando-nos de costas uns para os outros e sublinhando, por vezes com alguma ferocidade, a diferença entre as Humanidades e as chamadas Ciências Exactas, baseadas no cientificamente comprovado (que apenas o é enquanto não for descoberta ou inventada qualquer outra teoria que deite por terra essa tão consistente comprovação científica). Seria, pois, excelente que as Humanidades e as Ciências voltassem a ficar de frente e em diálogo, não esquecendo a natureza una do Conhecimento. A excessiva compartimentação e especialização do Saber poderá levar-nos (se é que não nos está a levar) por caminhos algo sem norte e desviar-nos daquele que deverá ser um dos fitos primordiais do ser humano: a tentativa de melhor compreender o mundo à sua volta e de melhor se conhecer a si próprio. Creio que esse objectivo esteve sempre presente no Renascimento e nos Humanistas, pelo que talvez fosse positivo, nesta nossa era das tecnologias, das finanças, do cientificamente comprovado e do politicamente correcto, fazermos re-nascer elementos fundamentais do Renascimento, dando ênfase concreta à positividade que, *malgré tout*, ainda poderemos retirar das palavras de *Hamlet*:

What piece of work is a man, how noble in reason, how infinite in faculties, in form and moving how express and admirable, in action how like an angel, in apprehension

AMALGAMATE FOUR PIEVE TO THE HEART, AND SEIZED THE VITAL SPIRITS

how like a god: the beauty of the world, the paragon of animals – and yet, to me,  
what is this quintessence of dust? Man delights not me – nor woman neither, ...  
(SHAKESPEARE 1982: 253-254)

## OBRAS REFERENCIADAS

BACON, Francis. (1860): *The New Organon; or, True Directions Concerning the Interpretation Nature*. Ed. James Spedding, et. al. *The Works of Francis Bacon*. Vol. IV. London: Longman & Co. 39-248.

\_\_\_\_\_. (1861): *Essays and Counsels Civil and Moral*. Ed. James Spedding, et. al. *The Works of Francis Bacon*. Vol. VI. London: Longman & Co. 365-518.

\_\_\_\_\_. (1861): *The History of the Reign of King Henry the Seventh*. Ed. James.

CAMÕES, Luís Vaz de. (1989): *Os Lusíadas*. Org. Álvaro da Costa Pimpão. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

CAVENDISH, George. (1959): *The Life and Death of Cardinal Wolsey*. Ed. Richard S. Sylvester. London, New York and Toronto: Oxford University Press.

SHAKESPEARE, William. (1982): *Hamlet*. Ed. Harold Jenkins. London and New York: Methuen.

SIDNEY, Sir Philip. (1962): *Astrophil and Stella*. Ed. William Ringler. *The Poems of Sir Philip Sidney*. Oxford: Oxford University Press. 161-237.

SIDNEY, Sir Robert. (1984): *The Poems*. Ed. P. J. Croft. Oxford: Clarendon Press.